

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

É preciso olhar pela Santa Casa

Nos primeiros dias de Outubro, visitamos, na companhia dos Drs. Júlio Outeiro Esteves e Augusto Esteves, a nossa Santa Casa da Misericórdia. A Madre Superiora acompanhou nos, também, nesta visita e prestou-nos os esclarecimentos precisos.

A primeira vez que entramos no Hospital, foi nos primeiros dias de sa-

cradório a fim de sacramentar, urgentemente, um doentinho que estava muito enfermo. Não conhecíamos mais do que a enfermagem dos homens. Foi-nos, portanto, imensamente agradável fazer esta visita e nesta altura, porque estávamos impressionados com um artigo-relatório de contas e com a franqueza com que o actual Provedor se oferecia para a entrega da Santa Casa a outras mãos, fossem elas quais fossem.

A oportunidade, em tudo, é de estimar.

Quando falávamos, no gabinete de trabalho do Provedor, entrou o Sr. Lima com duas notas de 100\$00, que entregou à Madre Superiora, que as recebeu las, exclamou:—«muitas destas».

As obras realizadas, aparentemente insignificantes, são obras, feitas do amontoado de migalhas.

O facto de serem obras pequenas não dispensa o muito dinheiro para se efectuem.

E da conversa dos três —Madre Superiora, Dr. Júlio e Dr. Augusto Esteves — não se depreendia outra coisa que não fosse a exiguidade de receitas e a extraordinária dificuldade de acudir a tudo, que é indispensável.

Ainda bem que não ralham, pois que «em casa, aonde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão».

Quem responde ao Dr. Joaquim Manso?

Castro Laboreiro é uma das vilas do Minho, numa região alpestre e silvestre, quase isolada do resto do País, fronteira à Galiza, onde havia uma raça de cães que se impunham pela sua índole colérica. Parece, segundo nos informam, que a boiamente se perdeu ou se corrompeu.

Ainda existem autênticos Castros-Laboreiros?

Não sabemos, embora o sr. Joaquim Pena nos diga que sim.

Não se poderia averiguar, até que ponto ele tem razão?

Tratando-se duma raça célebre, adversa aos lobos e aos ladrões, que de noite continha em respeito as actividades criminosas, seria de muita importância evitar que ela desaparecesse, a fim de que tivéssemos um excelente cão polícia.

De o «Diário de Lisboa».

«A hora presente é de REVISÃO e de REVOLUÇÃO»

lúlio Vas

Sómente terminará...

I

Jamais se desvanecerá da minha memória a impressão que me inoculavam na alma as orações humildes que os mendigos recitavam à porta da casa onde nasci, sempre acompanhadas de lágrimas e suspiros e casadas com os acordes nem sempre harmoniosos da guitarra. Envolvidos em sujos andrajos, com o corpo todo chaga-

do e encostado a um tóxico bordão, mais pareciam um farrapo humano do que um filho de Adão.

Quem se recusaria dar esmola a estes míseros seres humanos, dizia na minha mente de criança? É que no coração do homem, embora cheio de egoísmo e preconceito, ainda se não apagou com-

(Continua na 3.ª p. 8.)

Pelo Hospital

CORTEJO DE OFERENDAS

No ultimo numero de «A Voz de Melgaço» e já por diferentes vezes no «Noticias de Melgaço», se fazia sentir a necessidade da realização do cortejo de oferendas em beneficio da nossa Misericórdia. Também como qualquer outro, reconhece a Mesa Administradora da Santa Casa essa necessidade e se até agora ainda não tentou essa jornada de caridade, foi, apenas, porque pretendia por outros meios conseguir o indispensavel para satisfazer as despesas necessárias à sua manutenção.

E assim com o auxilio de devotados amigos e gentis meninas da nossa melhor sociedade, realizaram-se alguns bailes nesta vila e um torneio de tiro aos rimbos, cujos resultados, apesar de satisfatórios, não bastaram para o fim almejado.

O torneio deu-nos um saldo de 4.000\$00 e os bailes atingiram a soma de 1.300\$00.

Infelizmente, como demonstramos já num dos numeros de «A Voz de Melgaço», essa importan-

cia não basta para manter abertas as portas do nosso Hospital e, portanto, de forma alguma podemos realizar as obras absolutamente indispensáveis que a casa do Asilo e o Convento, tão imperiosamente requerem, ainda mesmo com a participação do Estado que pensamos pedir.

Vamos, pois, com grande pena, recorrer mais uma vez ao coração sempre generoso do nosso po-

(Continua na 4.ª página)

Atenção...

muita atenção...

A Administração de «A Voz de Melgaço», para evitar despesas aos nossos assinantes ou demoras excessivas nas suas queixas, está instalada em Melgaço e, para já, na residência Paroquial.

Desta maneira torna-se mais fácil e menos dispendioso o serviço das reclamações e dos pagamentos.

O: nossos agradecimentos

Os nossos assinantes têm sido cuidadosos no pagamento das assinaturas. Por isso lhes estamos muito agradecidos.

Mas há, ainda, alguns assinantes que não satisfizeram as suas dívidas à Administração de «A Voz de Melgaço».

Os pequenos jornais não podem viver sem o pagamento certo, e a tempo e horas, das suas assinaturas.

Pedimos aos assinantes retardatários do Concelho, aos que vivem longe ou no estrangeiro que não demorem os seus pagamentos.

Fazem-nos um grande favor.

Ao lavrador

Ó lavrador que te b-lhas,
Eis o Outono chegado;
Deus o te ga com fortuna
Como o do ano passado.

Que ele te ga muita futo,
Te encha os cascos de vinho;
E os canastos de espigas,
Pra não foltar o pézinho.

Des campos que tu regaste,
Com o teu próprio suor,
Pede a Deus essa fortuna,
Pede, pede, ó lavrador.

Diz ao Senhor que acuras,
Que Lha das teu coração;
Para Els te dar sempre,
Muito vizinho e pão.

Com teus filhos, lavrador,
Pievoso e com de curo,
Riza o terço e Deus dará
Sempre o Outono com fortuna.

G. de 19 9 947.

P. e Campos Lima

Sem estrada, e... maus caminhos

Não estranhem os nossos leitores esta frase e fiquem certos de que ela é muito verdadeira.

E se não, venham de Pomares à Gave, e ficarão convencidos do martirio que passamos, quando o suor lhes regar as faces como a nós, nos rega todas as vezes que tais caminhos passamos. Quem

(Continua na 4.ª página)

Fiaes, 25

Acabaram nesta freguesia as tradi-
cionais festas, que tanto encanto es-
perçiam por toda a parte. A última
foi em honra de Santo António e de
Santa Teresinha. O n.º Sr. Abade
mandou vir uma linda imagem de
S.º António, que veio em procissão,
de Soutomend, para a capela de Ade-
dela, onde se encerra agora à vene-
ração dos fiéis.

—Tem sido vários os emigrantes
desta freguesia para a França, con-
stando-nos que alguns tem sido pre-
zos, na passagem da fronteira da Es-
panha para a França.

—Foram breves, há dias, como re-
fraldios os nossos bons amigos, Bal-
tazar Esteves e Daniel Rodrigues, am-
bos de Soutomend, os quais já segui-
ram para Braga onde serão inspecio-
nados.

—Para Rouças, onde se encontra a
escola, partiu o nosso querido as-
sinante Armando Araújo, que dalli
frequenta o colégio de Melgaço.

—Partiram para Braga, para o Se-
minário os meninos Manuel Domín-
gues, filho do nosso prezado assinen-
te e presidente da Junta, Manuel Luiz
Domingues, Jaime Afonso, filho do
conceituado comerciante, António Mar-
ques Afonso, de Pousafoles, e Carlos
Esteves, de Portocareiro, que no exa-
me de admissão tinham ficado distincto.

Desejamos-lhes bons resultados.

—Também seguiram para Coimbra
os distintos académicos, José Ribri-
gus e sua irmã Aurora. Desejamos-
lhes os melhores resultados nos seus
trabalhos escolares.

—A colheita do milho promete ser
abundantíssima, pois o ano correu ma-
gnífico.

O tempo lindo, para o amadureci-
mento dos milhos.

Vinho... por aqui, como se sabe, hou-
ve muito pouco. E' costume

—Está a correr o mês de Rodrigo,
com grande afluência de fiéis.

—Vão continuar brevemente as
obras do nosso hospital, que fica situado
junto à escola do convento.

—Foram os cuidados na guarda flo-
restal tres vezes desta freguesia,
sendo um de Jugaria, Carl e Esteves
e outro de Albiça e o último de
Pousafoles. Tiveram a felicidade de
ficar aqui pela beira.

—Foi operado no hospital de S.º
António, no Porto, Carlos Fernandes,
da Jugaria, que já se encontra em
convalescença.

—Também ali se encontra em tra-
tamento Carlos Fernandes, da Aleda,
que foi sempre aqui muito conside-
rado por todos como um bel.º caracte-
r, trabalhador e amigo da família.—C.

Castro Labo- reiro

A temperatura descendeu consideravel-
mente. Vão principiar a molhar nos
as chuvas do Outono.

—A colheita da batata foi escassa.
Oxalá que no próximo ano seja mais
abundante.

—No dia de hoje de este mês, um
pavão, incendiado de v.º r.º em poucos
minutos uma linda casa de morada
do nosso amigo e contoridano—Alfred-
do Domingos, de Pousafoles.

—Grande quantidade de c.º v.º
tem aportado a estas praças à pro-
cura das perdix e dos c.º v.º

—Já temos na freguesia mais uma
caminheta pertencente aos Senhores
António Rodrigues e Domingos Ant-
ónio Domingues.

—Chegou a telha para a Igreja
desta freguesia. Brevemente vai ser
teçada.

—Está a proceder-se à rifa de uma
touro, cujo importação revertirá a fa-
vor da Igreja. Paroquial na qual se
vão fazer várias reparações. Estamos

certos que todos os nossos amigos e
admiradores desta sertaneja mas lin-
da freguesia não vão deixar de nos
prestar a sua valiosa colaboração.
—C.

Lamas de Mouro, 23

No p.º dia 15 chegou a esta freguesia, o Sr. Dr. Augusto
Ferreira Machado, Vigário Chefe da
1.ª Circunscrição Florestal, acompa-
nhado de sua esposa, do
Sr. Eng.º Roque de Paiva e do
Sr. Eng.º Costa, muito digno
Administrador da Administração Flo-
restal de Monção, a fim de visitarem
os trabalhos da Floresta, que se tem
desenvolvido com grande actividade.

Todos os empregados dos referidos
trabalhos sentiram inenno prazer com
a visita de tão dignos superiores.

—No mesmo dia 15 receberam o
Santo Sacramento do matrimónio Ma-
nuel José Domingues e Albina Do-
mingues, ambos do lugar de Cima

desta freguesia. Desejamos que sejam
muito felizes com o novo estado.

—Há poucos dias que 2 rapazes
da Penela, indo de Melgaço para
suas casas, foram atacados por 2 l-
obos no monte chamado Quingostas
próximo das casas desta freguesia.

—Na noite do dia 19 no lugar de
Portelinha, da vizinha freguesia de
Castro Laboreiro, manifestou-se um
paveroso incêndio, que destruiu por
completo a casa do Sr. Alfredo Do-
mingues do mesmo lugar, cujos pre-
juizos são calculados em 60 000\$00
aproximadamente.—C.

S. Paio, 20

Reabriram, no passado
dia sete, as aulas, sendo
a frequência bem regular.
O Professorado desta freguesia procura, usando
todos os meios ao seu al-
cance, acabar com o mal-
dito analfabetismo.

Bem haja.
—Está a sentir-se a falta
de certos géneros ali-
mentícios, apesar de já
ter acabado a guerra.

—Já se encontra a go-
zar a liberdade doméstica,
o Sr. José Bento Fernan-
des, do Nogueiral, que foi
infeliz num certo empreen-
dimento que tentou. Lasti-
mamos a sua infelicida-
de.

—Chegou de Lisboa, pa-
ra onde tinha ido traba-

lhar o sr. Abraão Alves,
da Costa.

Seja benvindo.
—Começaram as esfo-
lhadas, andando os lavra-
dores poucos satisfeitos
por notarem fraca colhei-
ta.—C.

Sómente terminará...

(Continuação da 1.ª página)

plena a luz sublime da caridade
que Jesus veio trazer à terra.

Também eu desejaria ser um desses
pobres mendigos e ter o cãido da
cabeça os meus padões, abraçar os co-
rações mais refractárias à sensibili-
dade, e assim obter para a freguesia em
que vivo os melhoramentos indispensá-
veis, que por outro meio talvez me in-
capaz de conseguir. Vamos estraha em
Castro; mas não é tudo. Precisamos de
um Posto Telephónico nesta freguesia;
um fontanário no lugar da Vid; e
de alguns pontões. E quando serão con-
cedidas as respectivas verbas para es-
tas obras?

O pouco que resta do histórico cas-
telo está prestes a desaparecer. E quan-
do será restaurado? Sómente quando
tivermos a certeza de que os nossos
objectivos sejam atingidos é que ter-
minará o nosso já longo repatório.

Castro Laboreiro, 25.

O Castro

A SAMARITANA

— DE —

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas
de lã e de seda, para vestidos e casacos de
senhora: Fantasias e tecidos de algodão das
ultimas novidades; Camisaria; Gravatas;
Chapeus Guarda-sois; Calçado para ho-
mem, senhora e criança; Malhas e Miude-
zas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brin-
quedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e
T. S. F.; Papellaria e artigos para escritó-
rio; Confeitarias; Mercenarias; Vinhos finos
— e Espumosos —

Correspondente da Companhia de
Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—
A máxima seriedade nas suas transacções.

Bon Marché

(Casa fundada em 1914)

PRADO

MELGAÇO

Mercearias, Queijos, Doça-
rias, Vinhos Verdes e Ma-
duros, Papellaria, Livraria,
Artigos Escolares, Velas de
Cera, Sal, Escovas e Vas-
souras, Cordoaria, Louças,
Vidros e Miudezas

Inês Negra

(A heroína de Melgaço)

N.º 4

—Era solene o momen-
to. A Rainha, receiosa de
que a morte lhe roubasse
o marido, como lhe rou-
bara o filho, levantou-se
e, embora gravemente
combalida, arrastou-se até
ao quarto onde o Rei ago-
nizava.

Não sabia reter as lá-
grimas. A voz embarga-
va-se-lhe na garganta.
Olhava-o, sem articular
uma palavra, tomada da
quela ansia com que nas
ocasiões decisivas tenta-
mos arpear um vislumbre
de esperança.

Contudo os olhos do
Rei, semi-cerrados, e a
sua respiração ofegante
não permitiam illusões...

Então aquela mulher, a
quem o destino parecia
ter talhado uma tão ra-
pidez missiva, sentiu-se
miseravelmente infeliz, e
cafu junto à cama do mo-
ribundo numa convulsão
de choro, implorando a
protecção de Deus e da
Virgem Maria.

Assim se conservou lar-
go tempo...

Pelas janelas entreabertas
ouvia-se de quando em
vez o carpir do povo, sem-
pre exuberante nas mani-
festações do seu sentir.
Os lamentos da multidão,
impressionada com os pre-
sumíveis sinistros casa-
vam-se com as preces rou-
fenhas dos sacerdotes, e

com os soluços da Rai-
nha.

Sentiu-se o destino da
Nação suspenso por um
fio...

A autonomia de Portu-
gal dependia de um alento
daquele homem, esten-
dido num catre estreito,
junto do qual o vulto de
D. Filipa continuava re-
zando...

Passaram horas...

Como se a misteriosa
acção das preces, e o es-
forço super humano da
quele coração de mulher
posto num só affecto, ope-
rassem mais eficazmente
que as drogas ministradas
pelos físicos o arquejar
do robusto arcabouço foi-
se tranquilizando, os olhos
começaram a descerrar-
se, e o enfermo entrou a
renascer para a vida...

Era salvo D. João I

* * *

Foi do Curval convales-

cêr a Coimbra, onde a
Rainha também se liber-
tou do pesadello que lhe
oprimira o ânimo. Reco-
meçou para os dois o id-
ílio interrompido.

De breve dura, porém,
havia de ser o repouso,
que nem D. João I era ho-
mem que se deixasse fi-
car em lazer descuidado,
quando tantos negócios
lhe solicitavam a atenção.

Cumpria despachar o
sogro que começava a ser
um estôrvo sério, e cuja
empreza ia perdendo pro-
babilidades de êxito. Cum-
pria reunir Cortes para a
resolução de alguns negó-
cios de Estado. Cumpria
caminhar sobre Melgaço,
única praça que no Mi-
nho ainda conservava voz
por Castela.

Foi resolvido partir lo-
go, de Coimbra para o
Porto, onde El-Rei e a
Rainha, que o acompa-
nhava, despediram o Du-

que de Lancastre e a sua
reduzida hoste, que, em
seus galés, numa clara man-
hã de fins de Seterabro
largou de foz em fora, pa-
Bayonna, então inglesa.

CONTINUA

Gave

(Continuação da 3.ª pág.)

gues, que em Braga tem
dado provas de grande
intelligencia e piedade.

A êle e a todos os semi-
naristas, desejamos felis
ano de estudo.

—O tempo está admi-
vel para as colheitas.
Parou o vento e não faz
ainda frio cá pela Cave.
—C.

Pelo Hospital

(Continuação da 1.ª página)

vo, pedindo-lhe a sua participação valiosa de auxílio material para a realização deste 3.º cortejo de oferendas.

Sabemos quantas necessidades atravessa a nossa terra, conhecemos, como Melgacense de alma e coração que somos, quanto sacrifício isto vai representar para muitos, mas estamos certos também que o grito de auxílio que lançamos terá eco em todos os rincões da nossa terra, desde os mais longínquos lugares da generosa freguesia de Castro Laboreiro, até aos mais afastados da risonha e boa freguesia de Penso.

Contamos com todos, porque a todas as portas bateremos.

Tudo nos serve, desde o trapinutil, ou ferro velho arrumado, a qualquer outra oferta, porque de tudo é possível fazer dinheiro, para ampliar e melhorar os serviços assistenciais da Santa Casa e, muito especialmente, para que ela não deixe, por falta de recursos, de continuar a prestar assistência aos pobrinhos que a ela recorrem.

Estamos certos que a esta jornada de caridade não faltará a espontaneidade, o entusiasmo e a generosidade que caracterizam o bom povo da nossa terra e não haverá portanto Melgacense algum de boa fé que não lhe dê o seu incondicional apoio, que não procure esforçar-se para aumentar o seu rendimento.

A recompensa será depois, para os infelizes que lá forem bater á porta uma melhor assistência e para os outros, para aqueles que não precisam de recorrer ao nosso Hospital ou Asilo, a satisfação do dever cumprido para com os desprotegidos da sorte e para com eles próprios, por isso que ninguém poderá sentir-se desobrigado de trabalhar a favor da nossa terra.

A Mesa Administradora

Director e Administrador:
P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ



XVI

PARADA DO MONTE

PERTENCEU AO MOSTEIRO DE FIAES SEUS LIMITES MUITO ANTIGOS

Não é nova esta secção que hez apparece encimada por novo cobiçoso que representa um ideal, encerra uma aspiração e traduzirá, quantas vezes, o trabalho que sacrificou horas arrancadas a um legítimo repouso.

Esta secção é continuação de «A NOSSA TERRA», cujo último artigo foi publicado em 15-2-1947, e voltará a ser, quanto possível, permanente.

Já falei de Parada do Monte nos artigos VII, VIII, IX e XI.

No artigo VIII publicado em 15-10-46, referindo-me a uma pequena monografia existente no cartório parquial de Parada do Monte, escrevi:

«Segundo reza a monografia, os primeiros meadores de Trovassos iam à missa a Fiaes e os frades, em troca, impuzeram-lhe a cobrança de dízimos e foros».

Esta afirmação não é consistente porque mais perto ficava a Igreja de Lamas, tão bém muito antiga».

Quando escrevi aquele artigo não com presença como os habitantes de Parada fossem à missa a Fiaes, ficando a eles na área da paróquia de Riba de Mouro, e que por cima ainda viessem os frades cobrarem dízimos e foros.

Hez, porém, reconhecido que a tradição tem sua razão de ser.

De facto o Mosteiro de Fiaes possuía o domínio directo dos territórios de Parada do Monte, que lhe foram doados pelo seu grande benemerito Afonso Pais e cultros, o que não modificava a sua situação quanto à jurisdição espiritual, que era do Pároco de Riba de Mouro.

Tenho presentes duas cópias de documentos de doação ao Mosteiro de Fiaes, uma dos fins do século XII e outra dos principios do XIII.

Da primeira vez dar hez à publicação o principal conteúdo, ficando a outra para próximo artigo.

Convém esclarecer que nestas tempos longínquos a organização social differia da de nossos dias.

Quanto à propriedade havia o domínio directo e o domínio útil, quase como quem diz hez de proprietario e caseiro.

Aqueles que exerciam o domínio útil, isto é, utilizavam a propriedade, pagavam rendas cu penções (a que se chamavam foros) ao grande senhor, áquele que exercia o domínio directo.

Ambos os donínios se transmittiam por herança e geralmente por todos os filhos usuos, como sejam testamento, doação, venda e até por vezes não faltavam os meios illicitos a que hez chamam *canto do vigário*, e do fecca.

Encerramos frequentemente o domínio directo, ou alto senhorio, indiviso entre vários conortes, isto é, vários coherdeiros que, em vez de partirem entre si a propriedade, repartem a renda recebida.

Por este modo vamos encontrar

também consortes com partes desiguais, quer por terem adquirido os de outros, quer por concorrerem agrupamentos de irmãos a representarem á quinção paterno.

Aquele Afonso Pais, de que falei no artigo XV (15-2-47), foi um grande beneficor do mosteiro de Fiaes. Foi ele que, com outros consortes, lhe doou o território da actual freguesia, como disse no citado artigo. Fez-lhe inúmeras doações nas redondezas e entre ellas figura a de Parada do Monte com os actuals limites. Trata se do dominio directo, cu seja o direito a levar os foros que pagavam os moradores de quele território demarcado.

O documento foi feito em Setembro de 1183.

Es o principal do documento:

«... Eu Afonso Pais e minha mulher Urraca Dias a vós Abade Fernando e todos os vossos successores do Mosteiro de Fiaes. Exemos carta de testamento (escritura) da nossa herdade própria que compramos a Goina Miliadi e Pedro Nunes e Páto Nunes seus sobrinhos, a saber a cidade parte de Parada. Depois eu Afonso Pais juntamente com meus irmãos e meus sobrinhos temos a quarta parte da sobredita herdade; eu Afonso tenho ainda dois quintões, um meu e de meu irmão Alvaro Pais porque o nosso rei D. Afonso me deu em herdade toda a sua herdade e porção. Além disso eu Afonso Pais e Mendó Pais juntamente com nossas irmãs, eu Fernando joanes com meu irmão, eu Martinho Bernardes com minhas irmãs e sobrinhas, eu Pedro Peres, com meu irmão Gomes, nossas irmãs e sobrinhas, eu Pedro Garcia e Afonso Garcia com nossos irmãos e irmãs, eu Mór Mendes e Onega Mendes, eu Maria Pais, eu Urraca Peres juntamente com minhas irmãs. Nós todos a brevidade os damos toda a sobredita herdade como a vobredes identificar, por remedio de nossas almas e das de nossos pais. São seus limites: pelo Mourilhão e dal ao Curro de Abril e dal a Ferrença e dal ao Parte - Águas dal deca pelo rio Menduro e fecha no Mouro.»

Quem conhece Parada do Monte verifica que o actual freguesia já tinha unidade territorial há 764 anos.

Curro de Abril é hez Cruz de Abril, entre as veredas de Mourim e Cubelo.

Ferrença é junlo da veranda da Bouça, talvez um nada afastado dos actuals limites.

Rio Menduro é o Menduro, que em outros documentos aparece com o actual nome.

Para completar devo esclarecer que uma oitava parte de Parada só mais tarde possuía para o Mosteiro.

O documento em questão está a fls 15 v.o no livro das datas de Fiaes, no Arq. Distrital de Braga.

BERNARDO PINTOR

Instrução religiosa

Enquanto lhes dizia estas coisas, eis que um príncipe da (sinagoga) se aproximou d'ele, e o adorava, dizendo: Senhor, morreu agora minha filha; mas vem, põe a tua mão sobre ella, e viverá. E Jesus, levantando-se, o seguiu com seus discipulos.

E eis que uma mulher, que, havia doze anos, padecia um fluxo de sangue, se chegou por detrás d'ele, e tocou a fimbria do seu vestido. Porque dizia dentro de si: Ainda que eu toque somente o seu vestido, serei curada. E, voltando-se Jesus, e, vendo-a, disse: Tem confiança, filha, a tua fé te sarou. E ficou sã a mulher desde aquela hora.

E, tendo Jesus chegado a casa doquele príncipe (da sinagoga), e, tendo visto os tocadores de flauti e uma multidão de gente, que fazia muito barulho, disse: Retirai-vos, porque a menina não está morta, mas dorme. E elle o escarneciam. E, tendo-se feito sair a gente, elle entrou, e tomou-a pela mão, e a menina levantou-se. E divulgou-se a fama (d'esse milagre) por toda aquella terra.

I

JESUS COM JESUS

Para demonstrar esta verdade bastaria meditar-na com a maneira espontânea como se apresentou ao Eterno Pai, oferecendo-se como vítima de expiação pelos pecados dos homens. Mas, além disso, temos a sua vida neste mundo toda ella cheia de ternura para com aqueles que sofrem, a ponto de por onde ele passava não ficarem enfermidades sem curar, dores sem mitigar e lágrimas sem enchugar. Vejamo-lo no presente Evangelho e reconhecidos, agradeçamos-lhe o bem que a todo o momento nos faz, procurando imitá-lo na bondade e compaixão, exercendo a caridade que é a virtude que mais lhe agrada.

II

A morte é um sono

Todos tememos a mor-

A. C.

Sem estrada, e... mais caminhos

(Continuação da 1.ª página)

dera que as autoridades viessem até junto de nós, para saborearem pessoalmente, o que por escrito são capazes de não acreditar.

Parece-nos bem que bastaria eles passá-los uma só vez, para não descançar mais sem nos darem a estrada. Todavia, como sabemos que não veem cá, humildemente

pedimos que por justiça nos atendam. Pómos neste caso de parte o pedir por caridade, porque entendemos ser vergonhoso pedir por caridade, o que por justiça já devíamos ter, visto sermos também portugueses.

Gave, 7

Campos Lama

Director e Administrador:
P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
A VENGÇA

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL - 15300
ANO II

MELGROÇO, 1 de Novembro de 1947

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 20

A VOZ de MELGACO

Quinzenário católico e regionalista

COISAS DA tragédia, com todas as suas COISAS

DA

consequências, desceu sobre a PENEDA

DA

nossa terra

As colheitas

Depois de se recolherem as grandes quantidades de vinho esplendido, com que neste ano a Providência nos mimoseou, está a proceder-se efusivamente, sobretudo no ribeiro, à recolha dos milhos.

Nos terrenos secos da ribeira, a queixa é geral—tivemos pouco milho e, este, mal nutrido, em virtude de a seca ter sido obrotadora.

Não assim nos montes. Subretudo em algumas freguesias a abundância de pão é manifesta.

Não pode haver esbanjamentos porquanto este ano, em que os perseguidos da fome mundial se apresentam sombrios.

O vinho

A colheita do vinho foi abundantíssima. Foi um trebelho extenuante, intenso.

Pera muitos o vasilhame, revisto e poderosamente cimentado, não chegou.

Enfim... temos neste ano uma grande colheita de vinho esplendido. Há bastantes lavra-cores com dezenas de pipas do precioso líquido.

Mas... (e há sempre um mas nestas coisas) mas É PRECISO VALORIZAR esta riqueza da nossa terra.

Temos as azeitas a cibarrotar de vinho e temos com certeza muito mais vinho que as necessidades de consumo, aqui, em Melgaco.

Porque se não faz reclamação dos bons vinhos de Melgaco?

Todos sabemos como em alguns concelhos a sua venda é ainda um pouco alta, atingindo a pipa 1.200\$00 e até 1.600\$00.

Há dias um amigo nosso foi cobrado em viagem, por cavalleiros dos lados de Gornhã que lhe perguntaram pelo preço do vinho que vendida aqui em Melgaco e ficaram surpreendidos ao saberem dos preços.

E tão surpreendidos que tentavam subir aqui para comprar...

Há muito vinho em Melgaco felizmente.

Pois FRACAMOS RECLAME ORGANIZADOS, EFICIENTE DAS nossas riquezas...

Porque motivo a tivemos de condenar a estrangeiros, alguns pelo melhor, nos nossas adegas?

Entendamos que... Grémio, feito para servir o povo, presta um grande serviço à região, tratando desse assunto sob os diversos aspectos com que se apresenta.

Este da sua venda fora do conselho e consequentemente do seu regime e anúncios na imprensa extracancelhia seria interessante.

Temos de sair desta apatia os lavradores de Melgaco.

Outras regiões se organizam e se defendem.

Nós em Melgaco temos também de defender nos.

Valorizar os vinhos, desde o plantio até aos tratamentos da adega, é problema da máxima importância.

Riquezas da terra... porque as não valorizamos?

Estes há dias, de passagem, pela colheita, o caminho da secca da Peneda o illustre engenheiro Sr.

Agusto Machado, Director dos Serviços Florestais do Norte.

Consta nos que Sua Exa. garantiu

Não é aos leitores do nosso jornal que vamos dizer aonde fica a Peneda e o que é a Peneda. Todos conhecem este local;

uns porque lá são arrastados, pela fé, outros, porque do turismo os seduz.

Pois neste local famoso ocorreu uma enorme catástrofe no passado dia

ria soube aproveitar uma extraordinária riqueza natural ao Serviço da higiene e do embelezamento da estância.

Por isso saudaram e felicitaram a Mesa da Confraria, com entusiasmo, quantos têm amor e paixão à Peneda.

Ora esta represa, devi-

dá-nos esta tétrica descrição.

«A água que se acumulava no represa começou a correr indomitamente, em curso-l enorme, vertiginoso, tal como se de uma verdadeira tromba de água se tratasse—inundando o terreno a o estario. Os chamuscas queis onde se recolhem os romeiros e os peregrinos, bem como o muro de cimento—foram destruídos.

Parte do H. tel. uma grande parte, lá atingida em cheio, ficando parcial-

nossa terra

que, dentro de muito breve espaço e tempo, teríamos estrada para a Peneda.

Folgemos sinceramente com esta boa notícia e fazemos votos por que as entidades re-pecivas enviem todos os esforços, no sentido de conseguir que a estrada das Arcas a Melgaco, também depressa se conclua, para bem do nosso terra.

Não acreditamos nas grandes possibilidades de progresso na nossa terra, em futuro próximo.

Urge mesmo que nós, os interessados, demos a este assunto todo o interesse.

A abertura das fronteiras por São Gregório e a conclusão desta estrada das Arcas a Melgaco, pelas montes da secca da Peneda vão dar grande incremento ao turismo, ao comércio e à lavoura.

As próprias estradas florestais vão abrir novas perspectivas às possibilidades do terra.

Que todas aquelas que tem influencia positiva, real, as que tem funções de mando no nosso concelho-entrem neste batalhão, a favor do nosso terra, com todas as energias.

Tornemos-nos mais depressa numa curiosa realidade aquilo que ainda pode vir longe.

E era esta a primeira boa notícia.

A outra... Pois, nem mais nem menos, que o funcionamento duma carreira diária de Castro Laboreiro para Melgaco, logo que a estrada se encontrar aberta ao trânsito. O que na verdade, não vem longe.

Saudamos calorosamente o bom povo de Castro, bom e laborioso, tantos anos esquecido, a trabalhar num terra ingrato...

E que esta estrada leve conforto, alente, e o começo duma nova era de progresso.

Bem mereca Castro, repetimo!

As nossas bons amigos, Senhores Teixeira e Ranhada, dois novos, com tantas qualidades de éxito e de trabalho pelo nosso terra, pedimos, se ainda é possível alguma coisa mais, com este nosso abraço de felicitações.

Agora, que se encontram duas novas camionetas, ao serviço desta linha do ferro, se é possível, não rebanos se o será, se é possível, o funcionamento duma outra carreira de Manção para Melgaco, ao menos em certos dias como os de mercado em Melgaco, talvez Paderna, Pameiras e Castro Laboreiro, sendo de manhã dequela vila, para regressar à tarde, seria bom lenitivo.

Daríamos assim mais possibilidades de progresso ao nosso comércio e muitas comodidades ao viajante.



UM ASPECTO DA PENEDA

31 de Outubro: pelas 5 horas rebentou uma represa que causou uma morte e prejuizos incalculáveis.

A confraria construiu, há dois anos, esta represa que fornecia energia eléctrica à estância. Melhoramento incalculável, naquelas paragens Confraria

do às chuvas dos últimos dias de Outubro, ao que parece, rebentou, ouvindo-se um estúpido enorme que assustou a população, julgando-se, a principio que era uma tromba de água.

Foram tais as consequências desta catástrofe que o «Jornal de Notícias»

mente derribou as Traças e soalhos e resistiu a pela torrente astulhar-se no Largo do Pretório; o Passal e os campos de milho ficaram completamente inundados desaparecendo os muros e os caminhos, que ficaram por esse meio sem poder ser utilizados.

O pior ainda foi que os moradores do lugar da Pontelha, que fica sob o terreiro, tiveram que fugir, para não morrerem afogados, e mesmo alguns tiveram necessidade de se empoleirarem nas tropas. No rés-do-chão do (Continua na 4.ª página)

CORTEJO DE OFERENDAS

Vai tomando vulto a ideia lançada pela imprensa local dum 3.º cortejo de oferendas a favor da Santa Casa de Misericórdia.

De tudo vai aparecendo a lume. Dedicções, boas vontades, sacrificios, até, da parte de alguns.

Mas ventadas, desconhecimento do amor do próximo, espiritos teccanhos e ignorantes que não sabem o que dizem e até poltigueros que ligam os seus desvires políticos à obra grandiosa da Caridade que o Hospital vem desenvolvendo há anos.

Contamos com tudo e para tudo estamos preparados. A ideia porém, vinha graças a Deus, como não pôde de ser de ser

A Caridade é virtude dos católicos, no Hospital pratica-se a caridade em larga escala.

São Irmãs de caridade que assistem aos doentes.

São dois médicos consócios e caridosos quem os observam e tratam.

Não tem curidade o Dr. Victoriano, que passou uma vida inteira a colocar as nossas serras para atenuar aqueles a quem a doença prostrou?

Quantos lhe pagaram?

Não é caridade o serviço sempre presenteiro com que o Dr. António Esteves, se lhe há anos e diariamente no dezenas de doentes que procuram os serviços do Banco do Hospital?

Não é isto Caridade? Será só caridade atender às necessidades? (Continua na 3.ª página)

O nosso Cortejo de Oferendas

Noticiam os jornais, diariamente, a realização de numerosos cortejos de oferendas a favor dos miseráveis e das casas de caridade.

Nós temos um miserericórdia e um Asilo que necessita da nossa ajuda. Para quando deixamos a n.º Cortejo de Oferenda?

Estes há dias, de passagem, pela colheita, o caminho da secca da Peneda o illustre engenheiro Sr. Agusto Machado, Director dos Serviços Florestais do Norte. Consta nos que Sua Exa. garantiu

nos boas noticias

Teatro em Manção

Será brevemente uma realidade o novo teatro de Manção, construído a expensas duma illustre melgaco, que há anos trabalha em Lisboa.

Não folgamos com a notícia.

Lisboa tem grandes energias. Os seus filhos, disparos por tantos terrenos numo labute constante, permanente li-nom-se quase sempre, no que voltam.

E não há dúvida, pelo Brasil, Lubos Africa, etc.

Melgaco pode orgulhar-se de seus filhos.

Há grandes energias, repetimos, entre os filhos desta nossa obsequada (Continua na 2.ª página)

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

Gave

A chuva que tantos estragos fez na Penêda, foi para nós benigna e benfazeja, pois bem a agradecemos as hortaliças e as ervas que já estavam a secar.

O frio que se fez sentir desapareceu bem como os ventos e o tempo claro e caloroso tem contentado toda a gente. Os velhinhos vão aproveitando este tempo tam delicioso, para nos aparecerem ao sol nas portas, páteos e abrigos das casas. Deus lhes conserve a vida muitos anos ainda.

Os meses de sufrágios às benditas almas do Purgatório e em honra de Nossa Senhora do Rosário tem sido muito frequentados.

Já houve neste mês até ao dia 10, 600 Comunhões.

Já principiaram as obras da residência paroquial dirigidas pelo Rev. P. E. Campos Lima pároco da freguesia. Agrada-nos muito a planta por ele tirada e apresentada e todos os paroquianos estão interessados na sua rápida execução.

Deus nos ajude em tanta despesa, pois o todo da obra depois de concluída deve ultrapassar trinta mil escudos.

E' muito, sim, bem o sabemos, mas confiamos em Deus. — C.

Rouças, 5

Partiu para Lisboa, onde se fixou residência a menina Eulália Gonçalves, de Cabreiros, que ali casou.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

— Para S. Tiago de Cacedem, onde assiste à passagem da veneranda imagem de N. Senhora de Fátima, partiu o nosso rev. pároco

— Regressaram de Espanha, alguns emigrantes que dali iam para França e a quem a policia não deixou seguir.

— Consta-nos que a Junta da freguesia está a estudar o projecto da construção da represa do Ranhadoiro.

Em Loviô vai proceder-se brevemente à construção da represa e do tanque. — C.

Cousso, 30

Depois de um mês de férias nesta freguesia donde é natural, regressou a Espinho o nosso amigo Senhor António Domingues, afim de continuar a exercer a espinhosa missão de professor.

— De morte subita faleceu em 15 do corrente o nosso amigo Joaquim Pires, de 78 anos de idade, do lugar da Cêla. Era um bom cristão.

— No dia 16 deste mês foi julgado no Tribunal de Melgaço Armando Fernandes, do lugar da Cêla, que andando em rixos e odi com seu tio Armando de Jesus Gregório, matou este a tiro de pistola no dia 28 de Dezembro de 1945. Não cumpre a pena que lhe foi dada, porque logo que fez a morte fugiu para Espinha e daqui passou para a França onde se encontra. Porém outro juiz o julgou na hora da morte a cujo castigo não escapará.

— Para Cascais, tem ido desta freguesia muitos rapazes com o fim de ganharem com o suor do seu rosto alguns contos de escudos que tanta falta fazem aos seus pais.

— Estão nas cadêtas de Espanha alguns homens desta freguesia por se dirigirem para a França com o fim de trabalharem, pagarem as suas dívidas e sustentarem as suas famílias. Estes homens não fizeram mol algum no seu País nem em Espanha e nem em parte alguma por onde tem andado. São homens de bem, e portanto devem ser postos em liberdade.

— No dia 26 realizou-se na Igreja paroquial a festa de Cristo Rei que consistiu de missa rezada, comunhão das crianças da C. Eucarística e de muitos adultos. No momento proprio da Missa o rev. do paroco falou sobre Cristo Rei e sobre a Acção Católica. Isto da parte da manhã. Da parte da tarde, fez-se a hora da adoração ao S. S. que foi excocto solenemente. A Igreja encheu-se de povo e de crianças que compareceram da parte da manhã.

Rezada a ladainha do Coração de Jesus e feitas a consagração, foi o nado do Tantum Ergo e dada a Bênção do Santissimo. Terminado este acto tão solene, fez-se uma reunião de raparigas que tinham dado o nome para ingressar na A. C. Louvado seja Deus; pois appareceram em grande numero. Depois do rev. do Assistente dizer algumas palavras de consolação, foi formada a direcção da J. A. C. F.

E terminou esta reunião com o hino «Somos de Cristo pelo baptismo».

A seguir fez-se outra reunião para aquelas senhoras que tinham dado o nome para a J. A. C. F. A maior parte destas senhoras já foram militantes na J. A. C. F. e como estejam em casadas, recollectaram para seu bem e de seus filhos continuarem a trabalhar pela A. C.

No fim desta reunião tambem foi nomeada a direcção da J. A. C. F. desta parochia. De novo entrou a A. C. nesta freguesia e portanto estão de parabens todos os catholicos.

— No dia 30 deste mês retiraram para Lisboa os nossos amigos Luis Gonçalves e António Esteves afim de continuarem a trabalhar na Pastelaria Marques. Sejam felizes. — C.

Parada do Monte, 9

Já se encontra provida de regente a escola official desta freguesia. Já era

tempo, pois assim estiveram as creanças privadas das aulas todo o mês de Outubro.

Sem offensa para as duas regentes devemos confessar que nos sentimos humilhados por não termos ao menos uma professora official.

— Até que enfim os dois irmãos da familia dos Brasileiros chegaram á sua terra natal, depois de longo cativeiro nos cárceres de Pamplona, Madrid, Orense e Chaves. O unico crime que praticaram foi atravessarem a fronteira clandestinamente.

— Deflagrou violento incêndio numas medas de palha no lugar da Aldeia-grande que alarmou toda a população.

Felizmente não teve consequências de maior porque o povo accorreu imediatamente. Se tivesse sido mais tarde poucas horas, poderia ter reduzido a cinzas a maior parte do lugar, visto a seca ser grande e não haver águas suficientes.

— Está a correr a devoção das Almas. É consolador ver a igreja repleta de fieis que, acordando aosom dos toques plangentes, vão levar alívio aos que se encontram no lugar de expiação, antes de iniciarem os seus trabalhos cotidianos. — C.

Bon Marché

(Casa fundada em 1914)



Mercearias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Maduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

Chaviães, 8

De fonte segura podemos transmitir aos nossos leitores que já se encontra elaborado o projecto do caminho vicinal do Viso á Igreja paroquial que vai valorizar muito a nossa terra.

Aguarda-se a comparticipação do Estado para o que foi mandado o referido projecto ás repartições do respectivo ministério. Agradecemos ao Sr. Presidente da Câmara Municipal a atenção dispensada á nossa terra e esperamos que em breve sejam iniciados os trabalhos.

— Faleceu no lugar de Soengas a Sr.ª Maria Marcelina Afonso e o menino

José Augusto de Sousa, filho do Regedor desta freguesia e assinante do nosso jornal. As familias enlutadas os nossos pésames.

— Também no Hospital de S. António, cidade do Porto, onde estava internada a fim de ser operada, finou-se Filomena Alves do lugar de Gondufe. Paz á sua alma.

— A festa de Cristo Rei foi celebrada com pouca solenidade. Oxalá fosse do agrado de Deus! Apesar da sua simplicidade, foram numerosas as comunhões.

— Os fieis defuntos foram comemorados com muito respeito. Permita Deus que as lágrimas e orações dos vivos, derramadas sobre as campas rasas, sejam orvalho refrigerante dos mortos.

A SAMARITANA

DE

Hilório Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

— Encarrega-se de instalações eléctricas —

A máxima seriedade nas suas transacções.

COISAS

DA

nossa terra

(Continuação da 1.ª página)

terra, intelligencia, cultura, trabalho, vontade de vencer.

Mas eu não sei se nós aqui em Melgaço temos o melhor dos carinhos, por todos aqueles que trabalharam fora da terra e que afinal tanto o honram.

Sabemos de vilas, de concelhos, em que os forços representativos recheiam de carinho, de simpatia, os seus filhos que trabalharam fora ou dentro do seu torrão natal.

Esta simpatia é retribuída com outros carinhos e mais alta estima. Dal que tantas obras belas, sociais, culturais, de progresso o fim, se realizam desta maneira.

Diziu um grande orador espanhol: — «com a mão está-se sempre, mesmo que ela seja pobrezinha», eu sei-o, mas também nós os que aqui trabalhamos façamos um sério exame

(Continua na 4.ª página)

Crime de S. Paio, 10 morte

Laudelina da Conceição Rodrigues Coelho, de 24 anos, residente na entrada de Benfica, em Lisboa, servicial, tomou conta de uma filha, de 3 meses, que entregara a uma ama, e, dirigiu-se para a Costa da Caparica—na margem esquerda do rio Tejo—e, ali, no dia 21 de Outubro, assassinou a própria filha.

A policia, ao saber deste horrando crime, pos-se em campo à procura desta mulher que, nem, ao menos, respeitou o fruto das suas entranhas.

Procurou-a e não a encontrou.

A policia não desamou e soube que a Laudelina da Conceição Rodrigues Coelho se dirigira para o Norte e se aproximava.

(Continua na 4.ª página)

Cortejo de oferendas

(Continuação da 1.ª página)

sidades de cada uma das freguesias? Se elas se b'stações si mesmo, poderia admitir-se o seu libertamento não é possível. T'as o b'stações de cada processo d' H. sp. l. Par todo só se não fosse obra de Deus.

CARIDADE

O cortejo de oferendas vai ganhando culto e as a tardes não chegando. Há retardatários e certo, mas a ideia antiga e se Deus quiser dentro em breve ha-de ser uma realidade.

JULIO OUTEIRO ESTEVES

Inês Negra

(A heroína de Melgaço)

N.º 5

Desembaraçado assim do hóspede, e aviados outros assuntos, que se antolhavam urgentes, dirigiu-se D. João I para Braga a reünir as Côrtes. Foi durante elas que D. Nuno Alvares Pereira, o Condestável, teve noticia da morte de sua mulher. Correu ao Porto onde de ella falecera, fêz-lhe exéquias solenes, mandou a filha para Lisboa à guarda da Avó—Iria Gonçalves—e, arrumadas assim as cousas domésticas, voltou para Braga onde o reclamava o interesse do Estado, verdadeiro fulcro do seu espirito.

Negócio de Estado era também por certo e de alta importância para D.

Realizou-se, no passado dia 3 do corrente, nesta freguesia, a visita ao cemitério, tendo-se celebrado na igreja parochial uma missa em comemoração dos fiéis defuntos. Nunca o cemitério de S. Paio teve tanta concorrência como este ano. É bem que os falecidos tenham na familia quem se lembre deles. Nosso Senhor esteja com as suas almas.

—Encontra-se bastante doente o sr. António Gomes, da Carpinteira. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

—Devido a uma queda dum castanheiro, está retido no leito o sr. José Durrães, do lugar da Carreira. Pronto restabelecimento lhe desejamos.

—Também se acha bem doente a sr.ª Rosa Caldas, da Carpinteira. Estimamos as melhoras.

—No passado dia 3 do corrente, de manhãzinha, deu à luz uma menina a sr.ª Ortelinha da Cruz Fernandes, da Carreira. Mãe e filha encontram-se bem.

—Também se encontra em perigo de vida a sr.ª Rosa Rodrigues, da Granja de Cima.

Já recebeu os últimos sacramentos, sendo o seu estado melindroso.

—Depois de uns dias de mau tempo, votou a bonança, andando os lavradores apurados com a liquidação do S. Miguel.

—C.

S. Gregório (Cristoval)

FALECIMENTO—*Maria Amorim*—Contando apenas 17 anos, faleceu após doloroso sofrimento esta infeliz menina, filha da sr.ª Antónia Amorim, viúva, do lugar de S. Gregório.

Tudo nela concorria para ser estimada e deix-a, apesar de se saber que era humanamente impossível resistir a tal perminax doença, profundas saudades em todos quantos a conheciam.

À sua mãe e irmãos, os nossos sentidos pios.

AUDACIOSO ROUBO—Nuna das noites do passado mês de Outubro audacioso gatuno assaltou a taberna da sr.ª Maria Gonçalves, donde hurtou uma bicicleta e algum dinheiro.

Dene tratar-se de gatuno habituado a tais proezas, pois, tudo leva a crer que foi durante o tempo em que a taberna estava aberta que ele se escondeu no interior do estabelecimento, para de noite com toda a calma praticar a façanha, depois de ter provido algumas bebidas que lá se encontravam.

Passados dias appareceu a bicicleta próximo da capela de N.ª Senhora de L. urdes.

Foi detido por suspeitas um rapaz daqui que depois foi posto em liberdade, apesar de, segundo contam, ter confessado já ter há tempos tentado assaltar, conforme noticiamos. A verdade é que até agora não se apurou nada.

O ladrão continua à solta e nós à espera de mais alguma das suas proezas.

ANDA O CORTEJO DE OFERENDAS—Já está constituída a comissão encarregada de organizar a nossa freguesia à qual preside o nosso Rev.º Paroco.

Nomes bem conhecidos, e dedicções já postas à prova em prol da miséria e tudo há a esperar da sua boa vontade.

Cristóvão não ficará mal colocada ao lado das outras freguesias do concelho.

Como sempre, Cristóvão respondeu: Presente.

PIDITÓRIO PARA A IGREJA—Um grupo de devotas, a que preside a sr.ª D. Eloísa Outeiro, tem percorrido a freguesia angariando donativos para a nossa Igreja.

sofria também o ânimo independente aquela imposição de um consórcio, assim improvisado.

Resistiu bisonhamente, —ao Rei com uma simples negativa; à Rainha, pela qual professava um respeitoso affecto, respondeu esquivamente:—«Para offerecer a D. Brites os braços, era preciso que estivessem desarmados e não convém ainda lançar a espada.»

Escusa de guerreiro! Sentir de monge!

Desobrigado assim, e livre da teia em que podia ser enleado, levantou vôo para entre Tejo e Guadiana, onde a fronteira estava ameaçada.

D. João I conhecia o seu irmão de armas. Era inútil insistir, podendo até qualquer teima provocar alguma daquelas desavenças, que entre os dois às vezes surgiam.

D. Beatriz, se acaso

PELA VILA

Notícias da quinzena

No dia um do corrente, foi baptizado, na Matriz desta Vila um menino, filho do Sr. Abel João de Melo, Guarda Fiscal e da Sr.ª D. Olinda da Ascensão Pereira Lemos, a quem foi posto o nome de Augusto Lemos de Melo, tendo sido padrinhos os Srs. António Lopes e Aurora de Nizaré Lemos.

Também no dia 5 foi baptizada uma outra criança, filha dos Srs. José Aloss de Melo e Maria Olinda Gonçalves, tendo recebido o nome de Maria José dos Santos Melo, e sendo padrinhos José Félix Igrejas e Maria de Lurdes Igrejas.

No Hospital desta Vila, faleceu o Sr. João Cândido Bermudes, irmão do nosso amigo assinante o Sr. Leonel Bermudes, proprietário da Pensão do mesmo nome.

Que a sua alma descanse em paz.

No dia 27 de Outubro foram os enlances matrimoniaes de: Alfredo Eutric: de Magalhães Barros com a menina Sara Maria Gonçalves, filho do Sr. Hildrio Gonçalves, e o de Joaquim Teixeira da Silva com Beatriz do Nascimento de Araújo.

Aos novos conjuges desejamos perpétuas felicidades.

—Queixa-se o público de que há muito tempo não aparece o aqucar da tabela ou racionamento. Porque será?

—Os mercados tem sido muito abundantes, sobretudo em hortaliças, castanhas, cereais e outros frutos, a preços módicos.

A melhor feira foi a do dia um (Todos os Santos).

No domingo passado (dia 9) as crianças da catequese tiveram um passeio a Porta de Chaviães, onde se juntaram à daquela freguesia. No principio houve uma demonstração de conhecimentos catequísticos, se do lado premiadas pela Vila: na 4.ª classe Maria de Lurdes Igrejas e Pareza Domingues, e na 3.ª classe a menina Maria Fernanda Santos do Vela.

Pelo lado de Chaviães foram premiadas 4 crianças — dois meninos e duas meninas, cujos nomes não sabemos.

No fim rezeu-se o terço, na capela, a Nossa Senhora de Fátima. As crianças rezaram e cantaram chelas de entusiasmo.

Pelo fim da tarde regressaram a esta Vila radiantes de alegria.—C.

Tarifas aprovadas pela portaria n.º 11.902, de 25 de Junho deste ano, para os automóveis ligeiros de aluguer em serviço a quilómetro e à hora:

1—Serviço à hora (para todo o país)—Au omóveis [de 4 lugares (1 a 4 passageiros):

A primeira hora ou fracção, 25\$00. Cada meio hora ou fracção, mais 10\$00.

Automóveis de 6 lugares (1 a 6 passageiros):

A primeira hora ou fracção, 35\$00. Cada meio hora ou fracção, mais 15\$00.

2—Serviço a quilómetro (para todo o país)—Automóveis de 4 passageiros (1 a 4 passageiros): 1\$80, (mínimo de cobrança: 10\$00).

Automóveis de 6 lugares (1 a 6 passageiros): 2\$80 (mínimo de cobrança: 15\$00).

O alugador tem direito a dois minutos de espera para cada quilómetro pago e o excedente será pago à razão de 1\$50 por cada meio hora ou fracção.

O percurso começa a ser contado desde o local em que o veiculo fica à disposição do alugador, por conta de quem fica o pagamento de retorno, pelo caminho mais curto.

Pela Redacção

Tem vindo aqui muitos assisnantes pagar. Outros ainda se teem descuidado.

Era conveniente que todos viessem pagar à Residência Parochial de Melgaço.

Também podem aqui pagar os anúncios.

CONTINUA

Vende-se casa

Própria para habitação, com bons rócios e diversas propriedades. Estes bens encontram-se todos na freguesia de Chaviães e são próprios para uma familia numerosa.

Dirigir-se ao Sr. Aurélio de Barros de Magalhães, vila de Melgaço.

Sem estrada,

e... maus caminhos

11

Assim dizíamos no nosso primeiro artigo e continuamos a dizer — pois sabemos por experiência que não há na montanha povo mais abandonado, do que este povo da Gave.

Encostada como fica esta freguesia à de Riba de Mourão, toca os limites montanhosos de Monsão.

Os caminhos são péssimos. Vamos a dizer sem perigo de errar, que são os peiores que conhecemos.

Sabemos que por vários montes se rasgaram já estradas — para servirem povoações ricas em paisagens, como esta freguesia, mas para quem a natureza foi ingrata.

E se essas povoações já têm as suas comodidades — e estradas, porque a não havemos de ter nós também?...

Lembramos mais uma vez que também somos portugueses, e pensamos ter o mesmo direito que os outros tem quanto à estrada. Sabemos que muitos tem muito; outros tem bastante e outros o suficiente. Nós porém não temos nada, mas esperamos em Deus que ainda havemos de ter.

P.e Campos Lima

No lavrador

Aproveita bem o tempo, O honrado lavrador; Para seres ajudado, Pela graça do Senhor.

A preguiça é um vício, Que traz desgraça e pobreza; No trabalho, ó lavrador, encontrarás tu riqueza.

Trabalhou a Mãe de Deus, Trabalhou, Nosso Senhor; Imita-o trabalhando, Também tu, ó lavrador.

Que o trabalho te não tire, O tempo da criação; Pois sem esta, tu não vodes, Ter abundância de pão.

O lavrador que não resa, Neste mundo ao Pai eterno; Arranca se a ir escrever, Para sempre no inferno.

Gave, 8-11-947.

P.e Campos Lima



XVII...PENSO

UM CRIME DE MORTE NA SUA IGREJA NOS PRINCÍPIOS DO SÉCULO XII

Na margem esquerda do Minho, a seguir à enfiada via de Valadores, a cujo termo pertencia, e atravessada pela estrada Manção Melgaço, encontra-se a freguesia de Penso, a trepar pelas encostas de Gumieira, onde branqueja ao longe uma capelinha dedicada a S. Tomé e que deve ser muito antiga.

É padroeira desta freguesia, desde os tempos primitivos, S. Ilzeu. Este nome S. Tiago é a mesma coisa que Sanjo Jacó.

Explica: Jacó, melhor dito Jacob, era o postulo de Jesus. Havia dois apóstolos com este nome, um filho de Zebedeu e irmão de João, e outro filho da Alfeu.

Ao referir-nos aos Santos, se o seu nome principia por uma vogal dizemos Santo, como o Santo António, Santo Augustinho etc.. Se o nome principia por um consoante escrevemos a palavra Santo e dizemos São, como S. Polo, S. Roque etc.

No caso presente, na transição do latim para o português, como o nome do Santo é Jacob diz-se Sanjo Jacob.

O «s» abrandou para «j» e o «b» desapareceu, ficando Santo Jago. Acontece, porém, que ao pronunciar mos duas palavras, das quais a primeira termina por uma vogal e a segunda principia por outra vogal, na precipitação do menor esforço suprimimos a vogal final da primeira palavra, pronunciando as duas palavras juntas e assim dizemos: Sant'António, com'astada etc.

Assim também se diz Sant'ago. Não se porque bulas, já há muito tempo que se faz pastor o «t» de Santo para o principio da palavra Jago e todos dizemos São Tiago.

Os leitores nada devem pela explicação. Lá diz o ditador quem encomendou o sermão que o segue.

Vamos ao assunto desta crónica. A freguesia de Penso já existia antes da independência de Portugal.

Até aos princípios do século XV as terras de entre Minho e Lima, no Concelho Portuense, pertenciam à jurisdição do Bispo de Tuy, que por sua vez era sufragâneo do Arcebispo de Braga.

As Igrejas, assim como outros lugares privilegiados, tinham o direito de asilo, isto é, qualquer peccado, perseguido pelos officiaes da Justiça, não podia ser preso nestes lugares de refugio.

Por motivos que não consegui averiguar, um homem refugiou-se na Igreja de Penso. Al foi morto por Polo Dias, que assim ultrajou o lugar sagrado, já por não respeitar o direito de asilo, já pelo homicídio perpetrado. Acrescia a circumstancia de este Polo Dias ser Padroeiro da dita Igreja.

Chamavam-se padroeiros das Igrejas as pessoas que interferiam no no-

meação dos párocos para os mesmos receberem rendimentos o elles congnatos.

O escândalo provocado por esta violação do Igreja de Penso foi enorme. Para o julgar reuniu-se um concílio no Sé de Tuy presidido pelo Arcebispo de Compostella e assistido por reis Bispos.

A Sé de Tuy tinha sido creada pelos Normannos na invasão dos princípios do século X e fazia as suas vezes o mosteiro de S. Baltholmeu.

Como castigo do seu crime, o homicida perdeu o padroeiro, sendo condemnado a dar a Igreja: a Sé de Tuy, além de outras penallencias que naturalmente lhe foram impostas.

A mãe de Polo Dias, Onego Ferrnandes, em reprobção do crime do filho doou a Sé de Tuy e ao seu Bispo D. Afonso II a quarta parte que lhe pertencia no padroeiro de Poaderne (antigo mosteiro de S. Poio) e Valadores, acrescentando, por si mesma, a doação da Igreja e vila de S. Vicente e do castel de Dava. Esta doação foi feita em 1118.

Em Penso está incorporada uma antiga freguesia que há muito tempo perdeu o seu autonomia. Era o freguesia de Santo Comba de Filgueiras, citada nos Inquirições de D. Afonso III em 1258, a qual já não apparece na lista das Igrejas do ano 1320, quando foi concedido ao Rei D. Diniz o decimo de todas as rendas ecclesiasticas para ser applicado em guerra aos Mouros.

Bernardo Pintor

P. S.—Este crime da Igreja de Penso é referido no vol. XXII da España Sagrada, pag. 74 (Madrid 1767).

Quem me diz onde fica a tol. Igreja de S. Vicente e o castel de Dava?

A tragédia, Carta de LISBOA

com todas as suas consequências, deceu sobre a

escreita pelo melgacense Gilberto Cardoso

PENEDA

(Continuação da 1.ª página)

Havia estavam cinco homens a dormir dos que trabalhavam na floresta; e ao sentarem fugir, quando surpreendidos pela manada de lobos, foram cravados pela frente. Quatro deles porém, conseguiram escapar, engarçando-se nos arvoredos e nas pirâmides das cascas do Santuário, mas o quinto perdeu a vida, sendo o seu cadáver encontrado nois tarde junto do Pórtico.

Os chamados quartéis do Anjo da Guarda foram igualmente invadidos, selando-se o edificio, e finalmente, 20 trabalhadores que lá estavam a dormir.

O que há de mais impressionante é que, por efeito do rebentamento da represa, o rio levou um largo rio. Todos os capellos do Santuário e este mesmo edificio amecam ruina o aspecto que tudo o qual oferece é lamentoso.

Os estragos são enormes — e os prejuizos ainda maiores. Estes calculam-se em alguns milhares de contos.

As escuras das que desceram, em turbilhão vertiginoso, da montanha escolhida, lagaram, inundaram os terrenos agriculcivens, rasgando tudo como se o solo houvesse sido desenterrado. O aspecto do lugar, fora e dentro da área do Santuário, é de desolação e de ruina. Os homens horram o perdo dos seus haveres, tudo o trabalho perdido dum anno, os sejo a fome dos seus larvas, e em muitas casas a destruição dos próprios lares.

Enorme tragédia pesa sobre o bom povo da Peneda e grandes e incalculáveis estragos sofre aquella estância de fé e de turismo.

A zelosa mesa, que tão escrupulosamente tem sabido cuidar daquela estância, está a braços com uma enorme tragédia, de proporções gigantescas.

Com certeza que não sucumbirá ao desánimo que esta imprevisível catastrophe lhe trouxe e mais uma vez colocará o seu olhar na Virgem Senhora da Peneda.

P. S.—O nosso estimado colaborador P.e Manuel António Bernardo visita a Peneda e dar nos á no próximo número uma reportagem objectiva, a qual agradecemos de de já.

Seja amigo da sua terra!

Assine

A Voz de Melgaço

Parada Militar—

Sob o comando do Ex.º Sr. D. Fernando Pereira Coutinho, General Governador Militar de Lisboa, desfilarão na Avenida da Liberdade desta cidade no passado dia 25 de Outubro pelas 10,30, aproximadamente 10 000 homens do nosso Exército. Assistiram ao desfile muitos officiaes de várias patentes entre os quais o Snr. Marechal Carmo, Presidente da República, Tenente Coronel Santos Costa, Ministro da Guerra e individualidades estrangeiras assim como o Snr. Tenente General Inglês Simpson e Almirante Americano Connoll.

Nos locais onde as tropas desfilarão, avistavam-se milhares de pessoas que admiravam a porte correto como se apresentaram no cumprimento do seu dever, estes filhos queridos da Pátria e de Deus.

Actos religiosos—No dia 26 de Outubro p. p., dia do encerramento das festas centenárias, realizaram-se nesta cidade muitos actos religiosos a que assistiram entre muitos civis, centenas de militares portugueses e estrangeiros, acompanhados de vários officiaes de diferentes nações.

A noite, como remate das festas, realizou-se uma salva de fogo de artilharia que teve lugar pelas 23 horas no Terreiro do Paço, a que assistiram muitos populares de Lisboa e arredores.

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Os melgacenses—Vindos de Melgaço-Cristóval, onde estiveram em gozo de férias, encontram-se nesta cidade muitos dos nossos conterrâneos, entre os quais os Snrs. Daniel J. Rodrigues e António Manuel Domingues, estes, assinantes de «A Voz de Melgaço».

Directr e Administrador: P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paroquial de Melgaço. Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga. AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor: Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15500 ANO II

MELGAÇO, 15 de Novembro de 1947

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA N.º 21